

A família Amirat em Itu

Allie Marie Dias de Queiroz

Louis Marins Amirat, nascido em Marselha em 1845, estudou arquitetura e por alguma razão desconhecida, veio para o Sul do Brasil. Casou-se com uma descendente de alemães, Guilhermina Bohn, e chegou a Itu no final daquele século.

Não localizei registro do ano em que o casal Amirat chegou a Itu, mas a primeira menção ao arquiteto está na ata da 5ª sessão extraordinária da Câmara Municipal de 1887, na relação de despesas a serem pagas pelo município. Porém, não há referência ao trabalho executado. Em 1888 assume como “mestre construtor” o projeto do engenheiro Paula Souza para as obras do lavadouro público, no local que hoje conhecemos como Praça Conde de Parnaíba.

Amirat encontra já atuantes no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio freiras francesas como ele, Mére Marie Theodore Voiron e suas discípulas. O contato entre ambos deve ter sido próximo e suas três filhas, Marie Louise, Etiénette e Heléne foram alunas do colégio.

Louis chega a uma pacata cidade caipira, com feições ainda coloniais e modestas, que não combinava mais com a riqueza adquirida com o açúcar e o café, com os novos ideais republicanos e com os jovens herdeiros ávidos por implantar em sua terra natal as modernidades que viram na Europa.

Era urgente dar a Itu novos ares, importantes, à altura de sua proeminência política e econômica e expressar nas fachadas e nas ruas toda distinção que transformou a modesta vila de outrora em uma das mais importantes da província; exibir fausto e grandiloquência.

Rapidamente Louis Amirat cai no gosto da gente de Itu e seus trabalhos cheios de novidades, em contraposição à costumeira taipa, impressionam pela imponência e elegância.

As suas obras são um divisor do tempo da cidade, entre a antiga vila e esta urbe moderna, que passa a usar novos elementos construtivos como o tijolo, a ostentar símbolos de distinção em seus edifícios, como o desenho da fachada da igreja do Bom Jesus, assemelhada à Basílica de São João de Latrão, em Roma.

A igreja Nossa Senhora do Patrocínio sofre profunda transformação, perdendo quase que na totalidade as feições de seu idealizador, Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Amirat orna-a com as melhores referências das igrejas europeias, certamente mitigando a saudade que as Irmãs de São José sentiam de sua terra. Para os ituanos cria uma igreja rica, iluminada como só se vê nas metrópoles.

Muito ainda existe da lavra do francês Amirat em Itu, um personagem determinante no seu momento histórico, que oferece o melhor de sua arte para a cidade e que ainda hoje é alvo de estudos por parte de arquitetos e historiadores. Sua mão hábil ergueu casas particulares e prédios públicos como a Fábrica de Tecidos São Luiz, a nova fachada da Igreja Matriz e o Mercado Municipal, projetados por Ramos de Azevedo, a Fábrica de Tecidos São Pedro, o Colégio São Luiz.

Mas talvez sua obra mais interessante seja o Santuário do Apostolado da Oração, anexo ao Bom Jesus, feito em parceria com Padre Bartolomeu Taddei, fundador desse

movimento no Brasil. O Santuário tem pequenas dimensões, mas a riqueza dos detalhes, a delicadeza das colunas, a iluminação dramática produzida pelos raios de sol nos vitrais, a inusitada proposta para as nuvens que carregam as imagens de Santa Margarida e de Jesus, feita com um material trazido por Louis Amirat, da França, mostram o requinte de sua mente criativa, o domínio de técnicas elaboradas e uma profunda identificação com os propósitos artísticos da época.

No encontro entre duas civilizações, a cosmopolita e europeia e a oitocentista e tradicional paulista, Louis Marins Amirat teve papel decisivo, sua obra resiste ao tempo e fala com eloquência sobre sua história.

Embora sendo sua tataraneta, pouco sei de sua vida privada e recorri à pesquisa em busca de informações. O seu inventário “post-mortem” relaciona os seus parques bens, que foram divididos entre seus filhos. Emocionou-me a letra absolutamente perfeita de sua filha Marie Louise, minha bisavó. É a mesma letra do caderno de receitas que ela escreveu e que guardo como tesouro. Vez em quando tento fazer o “bolo do frade do Carmo” ou a “coroa de noiva”, mas sem muito sucesso... são outros tempos!

Os jornais antigos têm algumas informações e encontrei no jornal “Republica” de 1909 a notícia da morte de seu pai, também Louis, em Paris.

No jornal “A Federação” algumas notas sobre casamentos de seus filhos, avisos comerciais e outras poucas informações permitem vislumbrar seu cotidiano.

Convivi bastante com sua filha Marie Louise, minha bisavó, mulher delicada e culta, que falava francês perfeitamente, bordava flores delicadas e rezava muito. Sempre elegante, usava golas de frivolité que fazia, mesmo com bastante idade. Sobreviveram algumas fotos e vasta descendência, especialmente em Itu, Salto e Cabreúva.

De seu neto Ranulpho tenho poucas lembranças, as visitas ao primo Marius (meu avô) quando conversavam sobre os mecanismos para animar os presépios; a do padre na Igreja Bom Jesus, a do avô em seu escritório, onde só se entrava com autorização. Era o ponto de união entre os dois, talvez o mesmo espírito criativo de Louis Amirat tenha sobrevivido em ambos.

A família aparece em foto guardada pelos descendentes. Nela estão os filhos Pierre, Marie Louise e seu marido Luiz Augusto Braga, Etiénette e Heléne e seu marido, no quintal da casa que construiu na Rua do Comércio, 53.

Por fim, celebrando a memória familiar e a memória coletiva, transcrevo parte do texto publicado no jornal “A Federação”, em 18 de maio de 1918, por ocasião de sua morte, aos 72 anos:

“[...] Elle se foi, mas perpetua a sua memoria em os trabalhos que plasmou o seu gênio de artista, em as virtudes que lhe acendravam a alma de justo[...].” “Soffreu, experimentou os revezes da sorte com os sorrisos nos lábios, brotado de uma consciência sã e justa[...].”

Fontes:

Francisco. Luís Roberto de. Louis Amirat: um arquiteto francês em Itu. Revista *Boavida*, edição 139, janeiro de 2000.

Jornal República – nº 826, 17 de janeiro de 1909. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.

Jornal A Federação – nº 717, 18 de maio de 1915. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.

Jornal A Imprensa Ytuana – nº 288, 29 de dezembro de 1887. Em: Coleção Jornais de Itu séculos XIX e XX, Biblioteca Digital de obras raras, especiais e documentação histórica da USP.

Inventário de Louis Amirat. Museu Republicano Convenção de Itu. Coleção Cartório 1º Ofício da Comarca de Itu, Maço 192 A, 1918.